

DO
SDMC

ESTUDOS EM
DESENVOLVIMENTO
MOTOR DA CRIANÇA
XVII



Eds.
André Pombo
Carla Rocha
Carlos Luz

ESTUDO DA PERCEÇÃO DE COMPETÊNCIA FÍSICA DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E DO 1.^o CICLO DO ENSINO BÁSICO

STUDY OF THE PERCEPTION OF PHYSICAL COMPETENCE OF CHILDREN IN PRESCHOOL EDUCATION AND THE 1ST CYCLE OF BASIC EDUCATION

Sofia Rodrigues¹, Pedro Magalhães², & Catarina Vasques³

¹Instituto Politécnico de Bragança

²Research Centre for Active Living and Wellbeing (LiveWell), Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal

³Centro de Investigação em Educação Básica (CIEB), Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia, 5300-253, Bragança, Portugal.

Resumo

A competência física é um fator essencial para o desenvolvimento das crianças, relacionando-se ativamente com a determinação na prática de atividade física. O objetivo do presente estudo consistiu em caracterizar a autoperceção de competência física de crianças da educação pré-escolar e de alunos do 1.^o ciclo de ensino básico (CEB), por sexo e ano escolar (pré-escolar, 1.^o e 2.^o ano do CEB). A metodologia utilizada para a caracterização da competência física baseou-se na aplicação da Escala Pictórica de Competência Percebida e Aceitação Social para Crianças (Harter & Pike, 1984; Mata, Monteiro & Peixoto, 2008). A amostra foi constituída por 35 crianças, sendo 19 pertencentes à educação pré-escolar e 16 ao 1.^o CEB. No que diz respeito aos resultados foram registados bons níveis de autoperceção da competência física, quer das crianças do pré-escolar ($3,26 \pm 0,40$) quer nos alunos do 1.^o CEB ($3,33 \pm 0,36$). Os resultados apontam, ainda, para a inexistência de diferenças significativas entre sexos ($p=0,554$) e entre as crianças do ensino pré-escolar e do 1.^o CEB ($p=0,844$).

Palavras-chave

Competência física; percepção; crianças.

Abstract

Physical competence is an essential factor for the development of children, actively relating to the determination to practice physical activity. The objective of the present study was to characterize the perception of physical competence of children in pre-school education and students in the 1st cycle of basic education (CBE), by gender and school year (pre-school, 1st and 2nd year of CBE). The methodology used to characterize physical competence was based on the application of the Pictorial Scale of Perceived Competence and Social Acceptance for Children (Harter & Pike, 1984; Mata, Monteiro & Peixoto, 2008). The sample consisted of 19 children in pre-school education and 16 children in the 1st CBE. Regarding the results, good levels of self-perception of motor competence were observed, both in pre-school children (3.26 ± 0.40) and in 1st CBE students (3.33 ± 0.36). The results also point to the lack of significant differences between genders ($p=0.554$) and between children in pre-school and 1st CBE ($p=0.844$).

Key words

Physical competence; perception; children.

INTRODUÇÃO

Os primeiros anos da vida das crianças são extremamente importantes para o desenvolvimento cognitivo, linguístico, físico e socioemocional. A infância é um período muito intenso no desenvolvimento motor e cognitivo visto que as crianças se expressam através de movimentos corporais, que comunicam com o meio exterior, que expressam as suas emoções e que mostram do que são capazes (1). O desenvolvimento socioemocional relaciona-se com a autoperceção/autoconceito, ou seja, a forma como o próprio se vê no que diz respeito às atitudes, aos sentimentos e o autoconhecimento acerca das suas capacidades, competências, aparência física e aceitabilidade social (2). Desta forma, o autoconceito e a autoestima vão-se desenvolvendo com base num processo de comparação social, o que se torna um pilar essencial na gestão emocional (3). Assim, a autoperceção de competência da criança torna-se de especial relevância para o seu desenvolvimento.

A autopercepção da competência motora encontra-se associada à motivação, empenho e aos sentimentos de confiança e segurança da prática de atividade física (AF). Estes sentimentos, inerentemente, afetam o grau de participação nas AF o que pode ter impactos no normal desenvolvimento da criança, assim como na sua saúde. Stodden (4) apresenta um modelo que relaciona todas estas variantes sugerindo uma relação direta entre o nível de competência motora e o estado de saúde, sublinhando que esta relação varia tendo em conta a aptidão física, a competência motora percebida e a AF (4,5). Numa espiral positiva de envolvimento, uma criança com capacidades motoras bem desenvolvidas apresenta uma maior tendência a participar em AF e sentir-se-á mais confiante na prática das mesmas. Como consequência, terá uma melhor aptidão física e uma melhor percepção de competência motora o que se pode traduzir num bom estado de saúde da criança, funcionando como um sistema de retroalimentação. Pelo contrário, uma criança com capacidades menos desenvolvidas a nível motor irá sentir-se mais insegura e desmotivada a participar em AF, o que pode reduzir a sua prática e conduzir a uma menor aptidão física e percepção de competência motora. Assim, o estado de saúde pode sofrer alterações tanto a nível físico como emocional, o que pode levar a condições como, obesidade e doenças do foro respiratório e coronário (4-6). Desta forma, torna-se imperativa a criação de espaços e ambientes que promovam uma percepção positiva de competência motora que fomente, de forma natural, o desenvolvimento de conhecimentos e aptidões das crianças, reconhecendo as suas conquistas.

Alguns estudos (7,8,9) demonstraram que, no que concerne à percepção de competência física, existem diferenças entre sexos, com melhores desempenhos por parte do sexo masculino e valores médios de percepção de competência física mais baixos em indivíduos do sexo feminino. Os estudos mencionados foram efetuados com adolescentes o que pode limitar a discussão de resultados. No entanto, esta constatação não é consensual (10) como, por exemplo, o estudo realizado por Bandeira *et al* que menciona que não se verificam diferenças nos valores de autopercepção de competência motora entre o sexo feminino e masculino.

Outro parâmetro vastamente analisado no que toca à análise da percepção de competência física é a idade. Alguns autores (11,12) defendem que com a passagem da infância para a pré-adolescência, existe uma tendência para valores de percepção da competência física mais baixa. Desta forma, é possível extrapolar que à medida que a idade aumenta, a percepção de competência física diminui. Esta relação pode ser justificada confrontando a percepção de competência física com a real, ou seja, o que a criança pensa que consegue fazer confrontado com o que de facto consegue fazer. Alguns estudos (13) sugerem que crianças mais velhas têm uma melhor correspondência entre estas variáveis pois apresentam uma capacidade de autopercepção mais realista.

É importante realçar que, relativamente ao estudo de percepção de competência física, existem poucas pesquisas realizadas em crianças e reforçar que o objetivo deste estudo compreende a caracterização da percepção de competência física de crianças da educação pré-escolar e de alunos do 1.º ciclo de ensino básico (CEB), por sexo e ano escolar.

METODOLOGIA

Amostra:

A amostra foi constituída por 35 crianças, entre os 3 e 8 anos e idade (média das idades = $5,66 \pm 1,76$), sendo 19 pertencentes à educação pré-escolar e 16 ao 1.º CEB.

Procedimentos:

Inicialmente, foi efetuado um pedido de parecer à comissão de ética do Instituto Politécnico de Bragança, ao qual foi emitido um parecer favorável (P521188-R634229-D1868724). De seguida, ocorreu a preparação de toda a documentação necessária, como o pedido de autorização a um agrupamento de escolas pertencente ao distrito de Bragança e dos consentimentos informados para os encarregados de educação e para as crianças. Após envio e confirmação da participação por parte da direção da escola, procedeu-se ao agendamento de uma reunião para conhecer as educadoras/professoras e as respetivas turmas e, ainda, para a entrega dos consentimentos informados que foram, posteriormente, recolhidos. Por fim, realizou-se uma preparação e treino da investigadora para a aplicação do instrumento de avaliação e foram agendados diversos dias para a sua aplicação. A recolha de dados foi realizada na escola e o instrumento foi aplicado individualmente a cada criança/aluno.

O instrumento aplicado para o presente estudo consistiu na Escala Pictórica de Competência Percebida e Aceitação Social para Crianças (Harter & Pike, 1984; Mata, Monteiro & Peixoto, 2008). Esta escala é constituída por 35 tópicos relacionados com 4 áreas essenciais: Competência Cognitiva, Competência Física, Aceitação por Pares e Aceitação Materna. A cada questão estão associadas duas imagens que retratam situações contrastantes, e cada uma delas tem presente duas frases que descrevem diferentes capacidades de execução ou expressão da criança, a qual deveria selecionar a que mais se adequava e relacionava consigo. Desta forma, a escolha de uma das 4 afirmações, indica um número de 1 a 4 que irá ser utilizado no tratamento estatístico dos dados.

No tratamento estatístico foi efetuada uma análise descritiva das variáveis (média±desvio padrão). No que concerne a avaliação da normalidade e homogeneidade dos dados, recorreu-se à utilização do teste de Kolmogorov-Smirnov e teste de Levene. Para analisar as diferenças entre sexos e pré-escolar e 1º ciclo foi efetuado um t-test. Para o efeito, foram utilizados os programas Excel e PSPP.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta a distribuição da amostra total de 35 crianças, por sexo (masculino e feminino), e por idade, educação pré-escolar e ensino no 1º ciclo do ensino básico.

Tabela 1. Descrição da amostra tendo em conta o sexo e a idade (N= 35).

	Idade	Total	♂	♀
Pré-escolar (N)	3 anos	2	1	1
	4 anos	12	6	6
	5 anos	5	2	3
1º ciclo do Ensino Básico (N)	7 anos	9	3	6
	8 anos	7	1	6

Legenda: Sexo masculino (♂); Sexo feminino (♀).

Estes dados são relevantes para entender a composição da amostra em termos de idade e sexo, o que pode ter implicações significativas para a interpretação dos resultados do estudo.

Pode verificar-se que das 35 crianças avaliadas, 9 meninos e 10 meninas eram da educação pré-escolar. Do 1.º CEB fizeram parte do estudo 4 meninos e 12 meninas.

A Tabela 2 apresenta os valores médios e os desvios padrão da autoperceção de competência física entre sexos, idades (educação pré-escolar e 1.º CEB).

Tabela 2. Valores médios ± desvios padrão relativos aos níveis de autoperceção de competência física das crianças da educação pré-escolar e do 1.º CEB.

	Pré-Escolar	1.º CEB	Valor de p
Autoperceção de competência física	3,26 ± 0,40	3,33 ± 0,36	0,844

Valor de significância: $p \leq 0,005$

Os resultados apresentados demonstraram que, apesar do sexo feminino apresentar um valor médio de autoperceção de competência física ligeiramente superior ao do sexo masculino, essa diferença não foi estatisticamente significativa. Podemos também aferir que, apesar das crianças do 1.º CEB apresentarem uma média de autoperceção de competência física ligeiramente superior às crianças da educação pré-escolar, esta diferença não foi estatisticamente significativa ($p=0,844$).

A Tabela 3 apresenta os valores médios e os desvios padrão da autopercepção de competência física, por sexo (feminino e masculino) e por nível de ensino (educação pré-escolar e 1.º CEB).

Tabela 3. Valores médios \pm desvios padrão relativos aos níveis de autopercepção de competência física das crianças da educação pré-escolar e do 1.º CEB, por sexo.

	Pré-escolar		Valor de p	1º ciclo do Ensino Básico		Valor de p
	♀	♂		♀	♂	
Autopercepção de competência física	3,36 \pm 0,42	3,15 \pm 0,36	0,803	3,35 \pm 0,40	3,25 \pm 0,34	0,469

Legenda: Sexo masculino (σ); Sexo feminino (ρ). $p \leq 0,005$

Os dados mostram que, tanto na educação pré-escolar quanto no 1.º CEB, o sexo feminino tende a apresentar uma média de autopercepção de competência física ligeiramente superior à dos meninos, não demonstrando diferenças estatisticamente significativas ($p=0,803$ na educação pré-escolar e $p=0,469$ no 1.º CEB).

DISCUSSÃO

Na tabela 2 e 3, os resultados presentes traduzem que os valores médios de autopercepção de competência física situaram-se entre 3 e 4 valores, numa escala de 1 a 4, o que corresponde a valores bons e muitos bons, na Escala Pictórica de Competência Percebida e Aceitação Social para Crianças (Mata, Monteiro & Peixoto, 2008).

Na tabela 2, comparando as crianças da educação pré-escolar com as do 1.º CEB, para a autopercepção de competência física, o valor de $p=0,554$. Tendo em conta que para serem consideradas diferenças estatisticamente significativas $p \leq 0,05$, é possível aferir que não existiram diferenças significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino. Relativamente à tabela 3, os valores p segundo o sexo foi de $p=0,803$ para a educação pré-escolar e de $p=0,469$ para o 1.º CEB, não demonstrando diferenças estatisticamente significativas. Os valores médios de autopercepção de competência física são ligeiramente superiores no sexo feminino do que no sexo masculino, contudo, essa diferença não foi estatisticamente significativa. Os estudos [7,8] realizados por Craft *et al* (2003) e Gonçalves (2013) demonstraram uma diferença significativa na percepção de competência física segundo o sexo, mostrando uma tendência para valores superiores em indivíduos do sexo masculino e inferiores em indivíduos do sexo feminino. Os estudos anteriormente mencionados não foram realizados na mesma faixa etária visto que estes abrangem a adolescência resultando, assim, numa discussão limitada destes resultados. No entanto, um estudo [9] realizado por Bandeira (2014), demonstra resultados concordantes aos obtidos na presente pesquisa, evidenciando a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre sexos.

Na tabela 2, a avaliação do valor de p foi realizada através do agrupamento de faixas etárias tendo em conta as turmas. O valor foi de 0,844 o que indica que não existem diferenças significativas entre as faixas etárias. Os resultados obtidos mostraram que os valores médios de autopercepção de competência física são relativamente menores no grupo de crianças mais novas, porém as diferenças não foram estatisticamente significativas. Alguns estudos [10,11] executados por Nicholls *et al* (1989) e Digeldis *et al* (1999) indicaram que o aumento da idade está associado a uma diminuição da autopercepção de competência física. Desta forma, podemos aferir que os resultados obtidos não são concordantes com os dos estudos mencionados. Todavia, um estudo [12] efetuado por Vilwook *et al* (s.d.) não relata diferenças significativas no que concerne diferenças entre a média de autopercepção de competência física.

Realçamos como limitações do presente estudo o reduzido número da amostra, a pouca representatividade geográfica e o intervalo temporal para a realização do mesmo.

CONCLUSÃO

Os valores médios de autopercepção de competência física das crianças consideradas na amostra variaram entre o bom e o muito bom. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na autopercepção de competência física entre as crianças da educação pré-escolar e as do ensino do 1.º CEB. Não foram observadas, também, diferenças estatisticamente significativas na autopercepção de competência física entre meninas e meninos.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi apoiado pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Centro de Investigação em Educação Básica" com a referência UIDB/05777/2020 (<https://doi.org/10.54499/UIDB/05777/2020>).

REFERÊNCIAS

1. Corneto, N. A importância da lucidade na infância e o desenvolvimento integral da criança. CH [Internet]^o de janeiro de 2016 [citado 22^o de maio de 2024]; 12(3):86-9. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1419>
2. Pinheiro, G.P. O Desenvolvimento Socioemocional na Educação Pré-Escolar [Dissertação de Mestrado da Internet]. Coimbra (Portugal): Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, 2022 [citado em 18^o de junho de 2024]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/43958>
3. Matias, T.S., Andrade, A., Castro, F.S., Dominski, F.H. Prática de exercício físico e percepção de competência física de adolescentes. RPCD [Internet]. 2014 [citado 22^o de maio de 2024]; 14:1021-32. Disponível em: 10.5628/rpcd.14.S1A.1021.
4. Stodden, D. F., Goodway, J. D., Langendorfer, S. J., Roberton, M. A., Rudisill, M. E., Garcia, C., & Garcia, L. E. A Developmental Perspective on the Role of Motor Skill Competence in Physical Activity: An Emergent Relationship. Q [Internet] 2008 [citado 22^o de maio de 2024]; 60(2):290-306. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00336297.2008.10483582>
5. Robinson, L. E., Stodden, D. F., Barnett, L. M., Lopes, V. P., Logan, S. W., Rodrigues, L. P., & D'Hondt, E. Motor Competence and its Effect on Positive Developmental Trajectories of Health. SM [Internet] 2015 [citado 22^o de maio de 2024]; 45(9), 1273-84. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40279-015-0351-6>
6. Capistrano G.B., Costa ,M.M. , Freitas A.E., Lopes P.R.S., Gonzáles A.I., Sonza A., Lamounier, J.A. Obesidade infantil e suas consequências: uma revisão da literatura. CONJ [Internet]. 18^o de fevereiro de 2022 [citado 22^o de maio de 2024];22(2):47-58. Disponível em: <https://www.conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/614>
7. Craft, L.L., Pfeiffer, K.A., Pivarnik, J.M. Preditores de competência física em meninas adolescentes. JJA [Internet]. dezembro de 2003 [citado 22^o de maio de 2024] 32, 431-38 (2003). Disponível em: <https://doi.org/10.1023/A:1025986318306>
8. Gonçalves, J.S.C. Percepção da competência física: um estudo com adolescentes [Dissertação de Mestrado da Internet]. Braga (Portugal): Universidade do Minho, Escola de Psicologia, 2013 [citado em 22^o de maio de 2024]. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/25433>
9. Vale, F., Dias, C., Corte-Real, N., Pedretti, A., Fonseca, A.M. Relação entre percepções de competência física e actividade física em crianças e jovens portugueses. RPCD [Internet]. s.d. [citado 25^o de maio de 2024];12 (1): 42-59. Disponível em: <https://doi.org/10.5628/rpcd.12.01.42>
10. Bandeira, P. F. R., De Souza, M. S., Zanella, L. W., Nobre, G. C., & Valentini, N. C. Percepção de competência motora e nível de atividade física: estudo comparativo entre sexos. C [Internet]. dezembro de 2014 [citado 22^o de maio de 2024] 15(4), 191-94. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/cinergis.v15i4.5428>
11. Nicholls, J. G., Cheung, P. C., Lauer, J., Patashnick, M. Individual differences in academic motivation: Perceived ability, goals, beliefs, and values. LID [Internet]. 1989 [citado 22^o de maio de 2024] 1(1), 63-84. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/1041-6080\(89\)90010-1](https://doi.org/10.1016/1041-6080(89)90010-1)
12. Digelidis, N., Papaioannou, A. Age-group differences in intrinsic motivation, goal orientations and perceptions of athletic competence, physical appearance and motivational climate in Greek physical education. SJMSS [Internet]. 1999 [citado 25^o de maio de 2024] 9, 375 -80. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.1999.tb00259.x>
13. Villwock G., Valentini N.C. Percepção de competência atlética, orientação motivacional e competência motora em crianças de escolas públicas: estudo desenvolvimentista e correlacional. RBEFE [Internet]. 1^o de dezembro de 2007 [citado 25^o de maio de 2024];21(4):245-57. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16671>